

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

ANA CAROLINA MENDES

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA COLEÇÃO
ÁPIS**

BAURU

2022

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

ANA CAROLINA MENDES

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA COLEÇÃO
ÁPIS**

Monografia de Iniciação Científica do curso de Pedagogia apresentada à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, do Centro Universitário Sagrado Coração, sob a orientação da Prof^a Dr^a Flávia Cristina Bandeca Biazetto

BAURU

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

M538p	Mendes, Ana Carolina Preconceito Linguístico: uma análise da abordagem da coleção Ápis / Ana Carolina Mendes. -- 2022. 53f. : il. Orientadora: Prof. ^a Dra. Flávia Cristina Bandeca Biazetto Monografia (Iniciação Científica em Pedagogia) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP 1. Preconceito Linguístico. 2. Livro Didático. 3. Língua Portuguesa. 4. Ensino Fundamental. 5. 5º ano. I. Biazetto, Flávia Cristina Bandeca. II. Título.
-------	---

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

Dedico este trabalho a mim, meu esforço,
empenho, dedicação e resultado.

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade e dom da vida. Sua graça e cuidados infinitos sobre mim, não têm sido em vão e viver sob seu amor e misericórdia é o que me sustenta e mantém.

A minha querida e brilhante orientadora, Prof.^a Dr.^a Flávia Cristina Bandeca Biazetto, por aceitar essa empreitada, por suas orientações, cuidados e conselhos nesta caminhada. Você é peça fundamental, um exemplo real para mim.

A minha família: meus pais, Nelson e Edina, por serem meu suporte e sustento. Sem seus cuidados e incentivos, nada teria acontecido. Imensuravelmente grata por suas vidas, e por toda a vida que temos, tivemos e teremos. Igualmente a minha irmã, Barbara, agradeço a compreensão nos momentos em que não pudemos estar juntas para comer um lanche por estar atarefada ou com coisas para escrever.

A minha segunda família: meus sogros, José (in memoriam) e Ana e minha cunhada, Gisele.

A meu amado noivo, Guilherme, que tem sido meu ombro amigo, meu alicerce e forças por toda essa caminhada. Agradeço por acreditar, me incentivar e sempre lembrar do meu potencial e dedicação. A vida é única com você.

Por fim, as possibilidades acadêmicas que o Centro Universitário Sagrado Coração nos proporciona e seus incentivos a pesquisa e formação inicial e continuada, visando também, o aperfeiçoamento não só intelectual, quanto pessoal e profissional, e também, aos amigos de caminhada educacional que esta experiência tem me proporcionado.

RESUMO

O preconceito linguístico está presente em todas as divisões sociais da comunidade. Como todo tipo de preconceito, este menospreza o não falante da norma culta, rebaixando-o a alguém que fala errado e alvo de críticas, chacotas e desdém. Por outro lado, evidencia o quanto aquele que sofreu é capaz de, mesmo desviando da norma, fazer-se e ser compreensível a outro. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a presença de atividades sobre o tema na coleção Ápis, por meio de pesquisa documental, procurando descrever como o tema é apresentado para os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Em nossas análises buscamos também pensar em opções de trabalho do tema a partir do corpus coletado. No intento de compreender como o ensino da língua pode contribuir para uma sociedade mais igualitária e consciente dos usos e da presença de diferentes falares da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Livro Didático. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. 5º ano.

ABSTRACT

Linguistic prejudice is present in all social divisions of the community. Like all types of prejudice, this one belittles the non-speaker of the cult norm, demoting him to someone who speaks wrongly and is the target of criticism, mockery, and disdain. On the other hand, it shows how much the one who suffered is capable of, even deviating from the norm, making himself and being understandable to another. This research aims to analyze the presence of activities on the theme in the *Ápis* collection, through documentary research, seeking to describe how the theme is presented to students in the 5th year of Elementary School. In our analyses, we also sought to think of work options for the theme based on the collected corpus. To understand how language teaching can contribute to a more egalitarian society and aware of the uses and presence of different ways of speaking the Portuguese language.

Keywords: Linguistic Prejudice. Textbook. Portuguese language. Elementary School. 5th year.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Página 42	34
Figura 2 - Página 51	35
Figura 3 - Página 52	36
Figura 4 - Página 54	38
Figura 5 - Página 110	39
Figura 6 - Página 125	41
Figura 7 - Página 157	43
Figura 8 - Página 192	45
Figura 9 - Página 193	46
Figura 10 - Página 203	48
Figura 11 - Página 208	49
Figura 12 - Página 223	50
Figura 13 - Página 224	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
1.1.1 PCNs E BNCC, UM TRAÇADO HISTÓRICO	13
1.1.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO	16
1.1 O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO	18
1.1.1 A Presença dos livros didáticos no país	18
1.2.2 PNLD.....	20
2. OBJETIVOS	21
3. JUSTIFICATIVA	22
4. MATERIAIS E MÉTODOS	24
5. RESULTADOS	26
5.1. RESENHA	26
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	33
6.1. ANÁLISE DAS ATIVIDADES	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Terra de Carolina de Jesus, Gonçalves Dias, Cecília Meireles, Ariano Suassuna, Machado de Assis e muitos outros renomados escritores brasileiros que por meio da literatura registraram em suas obras algumas variações e diferentes falares da Língua Portuguesa, incitando a seus leitores, atentos e sensíveis à questão linguística, a refletir e comparar as especificidades dos usos da língua nacional. De norte a sul, leste a oeste, este grande território traz em sua história um conglomerado de diversas culturas que nos subsidiam hoje, marcando e modificando os usos da língua oficial, de acordo com contextos específicos.

Fluentes no português falado, mas pouco conhecedores do escrito e, por conseguinte, da norma padrão culta, grande parte da população brasileira pelega na busca por conhecimento e colocação: seja no mercado de trabalho, seja no se enturmar com aqueles com um pouco mais de conhecimento acadêmico. Para Viana *et al.* (2019, p.3):

O falante fica preso a esse padrão, a essa norma, a fim de “acertar” como fala, para se comunicar bem, tendo a ingênua ideia de que seguir esse padrão o fará atingir seus objetivos comunicacionais e de que esse padrão reflete a realidade linguística, estando sujeito às críticas de outros falantes, por causa de um preconceito linguístico, que é uma sanção negativa ao desviar-se da norma, indo esta muito além de uma convenção de usos linguísticos para a eficácia comunicacional nas mais diversas situações comunicativas.

O preconceito linguístico, que atinge tantos brasileiros, muitas vezes de regiões menos abastadas de investimentos, é o fruto (infeliz) de uma péssima e não compreensão da grande variação linguística que há na fala do português brasileiro.

Substantivo masculino, a palavra *preconceito* tem como significado o pré-estabelecimento de conceitos, opiniões ou ideias sobre algo, sem antes analisar e conhecer bem aquilo do que se está tentando se “auto proteger” ou simplesmente diminuir. Logo, entende-se como preconceito linguístico todo aquele destinado à ridicularização, menosprezo e desdém daquele que, por condições adversas, fala “nóis vamo nu shopping” ao invés de “nós vamos ao shopping”. Fruto de desigualdades sociais, infraestrutura precária (física, psicológica, financeira), o preconceito linguístico surge quando o português padrão e formal é posto – de forma equivocada – num pedestal e tudo que não condiz com suas regras, suas ordens e ditos é errôneo, falho ou discrepante.

Sintetizando, Marcos Bagno (2021) diz que:

O preconceito linguístico resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e nos dicionários e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si. Essa língua idealizada se inspira na literatura consagrada, nas opções subjetivas dos próprios gramáticos e dicionaristas, nas regras da gramática latina (que serviu durante séculos como modelo para a produção das gramáticas das línguas modernas) etc. No caso brasileiro, essa língua idealizada tem um componente a mais: o português europeu do século XIX.

Quando idealizamos, elevamos um certo modo de falar e esquecemos que a população é formada, na verdade, por outros modos diversos de se comunicar, e que se restringir apenas a “verdade” que o dicionário apresenta, é empobrecer seu povo, ainda mais porque, grande parte do povo falante, não é aquele que consome tais publicações. A língua que falamos, está subsidiada na língua do colonizador, português europeu, do século XIX, no entanto, é importante e sempre devemos lembrar que, não estamos nem mais neste século, quanto mais no país em questão.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, além do conceito de preconceito linguístico, o de livro didático também foi central. Oriundo da necessidade de auxiliar e complementar os clássicos escolares, tem-se, de modo geral, como livro didático o compêndio de textos, figuras, imagens, gráficos que visam a melhor assimilação do conteúdo pelo aluno, de forma coletiva, quando se está em sala de aula, ou em casa, quando se trabalha individualmente. (BUNZEN, [s.d.]). E para que haja um resultado de excelente qualidade, que renda frutos e grandes conquistas para aqueles que se utilizam do livro didático escolhido para a sua vivência e caminhada escolar, vale ponderar que por trás do produto final:

[...] diversos agentes (escritores, editores, ilustradores, diagramadores, designer gráficos, críticos, assessores, revisores) se engajam para construir projetos didáticos que têm como principais objetivos ampliar as capacidades de leitura, escrita, e de oralidade, assim como fornecer subsídios para um trabalho com análise e reflexão sobre os usos da língua e da linguagem. (BUNZEN, [s.d.])

Este estudo tem o intuito de analisar como que o livro didático *Ápis*, resultante do projeto homônimo, para a Língua Portuguesa, diagramado e comercializado pela Editora Ática, para alunos do 5º ano, entre 9 e 11 anos, tem abordado a temática do preconceito linguístico que está enraizado naqueles de menor acesso à educação.

1.1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1.1 PCNs E BNCC, UM TRAÇADO HISTÓRICO

Publicado pela primeira vez no final da década de 90, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são uma coletânea de documentos que compõem a grade curricular de uma organização com fins educativos. Estes estão divididos entre as duas etapas do Ensino Fundamental (EF) 1 e 2, respectivamente do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º ano.

O material foi elaborado com o intuito de servir de base para o desenvolvimento do trabalho docente, guiando as atividades que poderiam ser realizadas dentro e fora de sala de aula.

Com pouco mais de 20 anos de publicação mais recente e em vigor, os PCNs dão lugar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Como o próprio nome já diz, este documento trata-se de bases que, de igual modo aos PCNs, nortearão a elaboração dos currículos educacionais de escolas por todo o território brasileiro. A BNCC é um documento normativo para todas as redes de ensino, públicas e privadas, mas que vai além dos anos do Ensino Fundamental, abrangendo também a Educação Infantil e o Ensino Médio.

Ambos os documentos, em suas datas de consideração, serviam de base, subsídio para que o ensino no Brasil fosse o mesmo de Norte a Sul e Leste a Oeste. É importante também evidenciar que para a elaboração do documento de base de cada escola, cada unidade deve levar em conta a realidade social da comunidade na qual está inserida, bem articulando com seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e propostas pedagógicas para os anos vigentes.

Os PCNs, para o ensino fundamental, trazem objetivos que ao final de seu curso, os alunos tenham os alcançado, diferente da BNCC que apresenta competências que o discente deve cumprir.

Por todo o documento dos PCNs não há literalmente a expressão “preconceito linguístico”, uma vez que este é um termo relativamente novo e “surgiu” após a publicação do documento em questão¹. No entanto, mesmo que não traga do modo como estamos acostumados a ver, algumas sentenças abordam as ideias acerca do

¹ Vale aqui destacar que o conceito “preconceito linguístico” passou a ser debatido no Brasil, após a publicação de Marcos Bagno em 1999.

que pensamos sobre preconceito linguístico. Como se vê logo no começo do documento, nos objetivos:

“Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.” (BRASIL, 1997, p. 5)

É possível perceber que mesmo que de nomenclatura recente, os preconceitos, entre eles podemos citar o linguístico, são preocupação pertinente e presente na elaboração de um currículo uniforme, há certo tempo, mesmo que implicitamente.

Há também outras menções que trazem essa ideia de respeito ao diferente na área da Língua Portuguesa, como objetivos para que aluno do ensino fundamental seja capaz de fazer, como: “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.” (BRASIL, 1997, p. 5). Uma inferência, levando em conta o termo estudado, nos faz relacionar o que se espera do aluno diante de vivências preconceituosas ansiando que este, de modo crítico, saiba se pôr e agir quando envolvido em situações que apresentem conflitos ou exijam a tomada de decisões para um bem mútuo.

Por outro lado, mais atual e “ciente” das demandas do século XXI, a BNCC já traz literalmente o termo “preconceito linguístico” (também: “preconceitos linguísticos”). Contudo, mesmo que mais recente, são poucas as incidências sobre a expressão em todo o documento, aparecendo neste, somente sete vezes.

A primeira vez é ao se apresentar o componente de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Volta a aparecer no Eixo de Análise Linguística/ Semiótica, no subeixo de Variação Linguística, apontando que se espera que o aluno tenha a habilidade de: “discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.” (BRASIL, 2017, p. 83).

Também, é mencionado quando se apresenta as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, antes de destrinchar as práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades para o EF, nos anos iniciais, mais especificamente na competência nº 4, que traz: “Compreender o fenômeno da

variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (BRASIL, 2017, p.84)

Em forma de habilidades específicas, o preconceito linguístico aparece para ser trabalhado com as turmas do 3º ao 5º ano, com a habilidade *EF35LP11* que pontua:

“Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.” (BRASIL, 2017, p.113)

Já para os anos finais do EF, mais especificamente na habilidade *EF69LP55* voltada para o 6º ano, o documento diz: “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.” (BRASIL, 2017, p.161). Voltando a ser mencionado na habilidade *EM13LGG402*, presente na área de Linguagens e suas Tecnologias do Ensino Médio, que traz: “empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.” (BRASIL, 2017, p. 494).

Em última menção, a habilidade *EM13LP10*, que está presente em Campos de Atuação Social, da Língua Portuguesa para o Ensino Médio, o documento pontua:

“Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.” (BRASIL, 2017, p. 508).

Comparando ambos os documentos mencionados até o momento, a saber BNCC e PCNS, estes últimos têm um intento mais voltado no bem moldar ético do cidadão que constitui a sociedade, deixando-o de modo sociável para que haja harmonia entre os seus. A Base Nacional Comum Curricular, por outro lado, mesmo que aborde temas e de modo intrínseco também almeje o bem formar do cidadão, tem o objetivo mais focado no desenvolver das habilidades exigidas para o cidadão do século XXI.

1.1.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Segundo o dicionário Michaelis Online (2022), preconceito é um conceito ou opinião formada antes de realmente se conhecer o objeto, pessoa, assunto ou outra coisa qualquer que seja. Ainda no mesmo verbete, mas referindo-se à sociologia, o termo é uma “atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos”.

Estudar sobre o recorte “linguístico” é pensar em algo que está ligado diretamente a língua, seja ela a portuguesa, inglesa, alemã, húngara ou línguas africanas, indígenas etc. É um estudo científico acerca da linguagem humana em todas as suas particularidades e peculiaridades, realidades e relações, em todos os níveis e modalidades de manifestações.

Quando juntamos os dois termos, há a expressão Preconceito Linguístico. Pensar em preconceito linguístico é pensar que há – infelizmente – mais modos de se discriminar alguém por suas unicidades, neste caso, por seu modo de falar e/ou se expressar.

O preconceito linguístico é a prova mais real de que variações, apesar de presentes e marcas da diversidade cultural e identitária de um país, são ainda debatidas de forma insuficiente nos diferentes espaços sociais. Assim, a falta de conhecimento sobre a naturalidade e importância destas marcas regionais nos falares ainda provoca uma hierarquização entre as variações, perpetuando o preconceito linguístico.

Coelho (2017, p. 10) diz que “denomina-se variação linguística o uso de um elemento no lugar de outro sem alteração semântica.”. Já para o linguista Ataliba Castilho (2017), é preciso que se respeite a variabilidade, pois ela é inerente a língua. Segundo Bagno (2007, p. 47) “toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.” Com isso, é possível inferir que uma de nossas necessidades básicas, a de comunicação, sempre “encontra” um jeito de ser atendida.

Complementando, Fiorin (2009, p. 3) traz que “o que é certo é que a língua é produto do meio social [...]” e “a língua desenvolve-se historicamente e, uma vez constituída, impõe aos falantes uma maneira de organizar o mundo”. No entanto, vale ressaltar que mesmo que diversa e difusa, a língua não é algo bagunçado, pois, como

pontua Castilho (2017) “se fossem bagunçadas, não seriam línguas por que não teriam intercompreensão”.

Envolto nas diversas formas de variação linguística, o indivíduo, ser social, molda-se de acordo com a situação, o ambiente, a circunstância em que está inserido, exigindo que se expresse, sobretudo oralmente, de acordo com o contexto. Isso não significa que a escrita não possa variar, mas a norma tende a ser um obstáculo, diferente da oralidade em que as variações podem acontecer em ritmo mais acelerado. Sobre a fala, “encontramos variação da fala do mesmo indivíduo de acordo com o papel social que ele assume.” (COELHO, 2007, p. 15).

No entanto, é preciso resgatar algumas causas de atitudes tão infundadas e sem razão sobre o tema que aqui discorreremos. O preconceito linguístico tem como origem uma crença defendida por alguns estudiosos de que a língua culta padrão seria correta, enquanto as variantes seriam desvios da norma. Desconsiderando, assim, a realidade de usos da língua e seu desenvolvimento natural nas diferentes regiões em que é falada.

O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença. (BAGNO, 2007, p. 23)

O que Bagno nos traz é uma importante reflexão acerca do que se tem julgado correto e exigido em cursos da língua portuguesa, além do que tem sido dispensado aos alunos por todo o território nacional. Trabalhar preconceito linguístico é trabalhar, concomitantemente, variações linguísticas e permitir ao discente uma ampliação de repertório, além de quebrar dogmas sobre o que é ou não correto a respeito da fala. Com isso,

“Em todos os níveis da fala pode ocorrer variação, seja variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical ou estilístico-pragmática. A variação pode ser influenciada por fatores linguísticos ou extralinguísticos, como origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais do falante. Além, é claro, do estilo pessoal, porque cada indivíduo é único e possui uma maneira única de falar.” (COELHO, 2007, p. 10)

O fragmento de Coelho nos indica que muitos são os fatores que levam as variações presentes numa língua. Refletir com certa criticidade, nos leva a perceber que estes fatores não acontecem de modo isolado, mas de maneira simultânea em um mesmo falante. Uma língua que acolhe, sem discriminar e sem relativizar relações é o ideal que deveríamos buscar enquanto sociedade igualitária.

1.1 O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO

1.1.1 A Presença dos livros didáticos no país

O uso de livros didáticos no país não é algo contemporâneo. Olhar de maneira atenta para isso é fundamental para perceber o quanto a necessidade da construção de um programa que avalie e garanta a distribuição desses materiais é uma necessidade histórica e uma maneira de tentar garantir qualidade, ao menos, nos materiais de todas as escolas públicas do país.

Zacheu e Castro (2015, p. 2) trazem que “os livros didáticos foram utilizados em diferentes momentos da história do Brasil [...]”, e pontuam que estes serviram, em muitos momentos, como instrumentos reprodutores das ideologias da classe dominante e difundiam os valores que eram pregados por esses grupos (ZACHEU; CASTRO, 2015, p. 2).

Além de materiais vindos da Europa para a educação da elite, no começo do século XIX, foi publicada a primeira produção brasileira, a qual trazia grandes referências às Sagradas Escrituras, adotadas no governo de Dom Pedro I (ZACHEU; CASTRO, 2015, p. 4). No entanto, a função social que o material didático desempenhava à época não é a mesma que se tem hoje.

[...] inicialmente as obras didáticas tinham a finalidade de atender ao professor, tentando sanar as defasagens em relação à sua formação. No decorrer do século XIX é que a idéia de estender as obras didáticas aos alunos foi expandida, cabendo aos responsáveis pelos projetos educacionais a preocupação de como esses livros didáticos deveriam ser elaborados, assim como quem escreveria os textos destinados aos alunos. A tarefa para a elaboração de livros didáticos vinha imbuída da ideologia de construção da nação brasileira, constituindo desta forma algo ufanista. Neste intuito, destacados intelectuais eram encarregados de sua produção. (ZACHEU; CASTRO, 2015, p. 4).

No grande intervalo de tempo entre a estadia da família imperial e suas “contribuições” ao país e o atual Programa que legisla e executa as regras para a

elaboração e distribuição de todo o material didático – público – presente nas escolas do Brasil, houve muitas mudanças e adaptações no que se refere ao papel na educação dos livros didáticos e seus usos em sala de aula.

Destacamos a década de 30, do século XX, quando aconteceu a criação de uma legislação direcionada ao livro didático, determinando que o INL, Instituto Nacional do Livro, zelaria e ampliaria a produção de livros didáticos em todo o país. (ZACHEU; CASTRO, 2015, p. 7). Como traz o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), sobre o histórico do Programa:

1937 - O Decreto-Lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937, cria o Instituto Nacional do Livro.

1938 - Por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38, é instituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), estabelecendo sua primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no País. (BRASIL, 2017)

Em 1945, aconteceu a consolidação da legislação, através do Decreto-Lei nº 8.460, de 26 de dezembro de 1945, sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, deixando a escolha do material a ser utilizado pelos alunos, sob as mãos do professor (BRASIL, 2017).

Em determinados momentos da História das políticas públicas acerca dos livros didáticos, houve o descuido com a real qualidade das obras selecionadas e distribuídas pelo governo federal, seja pelos conteúdos, seja que pela própria qualidade gráfica. Assim, precisando da implementação de uma avaliação, com a finalidade de garantir que não se houvesse mais erros conceituais, metodologias infundadas e preconceitos, evitando publicações com qualidade duvidosa e falhas. (CASSIANO, 2007, p. 41). Foi somente em 1996, que teve início a avaliação pedagógica e metodológica dos materiais submetidos ao edital estabelecido pelo PNLD. (BRASIL, 2017)

Mesmo havendo documentos que vem com o propósito de nivelar e fazer comum o ensino em todo o território nacional (como visto sobre o PCN e a BNCC), pensar em livro didático é pensar em uma perspectiva que vem também com a finalidade de proporcionar um melhor aporte para o ensino, já em consonância com o documento base para a unificação do ensino da educação básica. Com isso, é notória a importância de haver uma comissão especializada para que aconteça a avaliação do material que é preparado e distribuído para a maior parte da população em idade escolar, no Brasil.

A relevância deste grupo e sua seriedade é algo que interferirá direta e indiretamente em todos aqueles que vierem a ter acesso ao material escolhido e distribuído pelo FNDE, por todo o ano letivo. Somente com um olhar crítico, senso de responsabilidade social e pela avaliação com critérios claros é que é possível a minimização de erros e o ideal de garantir uma qualidade mínima de modo a não ocorrer erros simplórios, preconceituosos e desatualizados (CASSIANO, 2007, p. 41). Com isso, na intenção de elucidação acerca do Programa Nacional do Livro e Material Didático, o PNLD, o subitem a seguir, apresentará e explicará o formato atual do Programa.

1.2.2 PNLD

O Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) é um planejamento do governo federal destinado a busca, análise, estudos, avaliação e disponibilização de conteúdos didáticos, literários e pedagógicos em todo o território brasileiro. O PNLD também faz a distribuição de outros materiais que servem de apoio a toda prática educativa. Este trabalho é feito de forma regular, sistemática e gratuita, atendendo as instituições de ensino que são da rede pública de educação básica, nas esferas: federal, estadual, municipal e distrital, além também de assistir instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos que possuam convênio com o Poder Público.

Anualmente, o INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação, faz censos escolares, além de ser o responsável por uma das avaliações em larga escala, mais conhecidas no Brasil, o ENEM. O INEP, quando realiza seus censos escolares, consegue contabilizar a quantidade de escolas e alunos em território nacional. Para que a escola seja contemplada com exemplares adquiridos pelo PNLD, é preciso que ela tenha participado do censo escolar, além de, a rede a qual está vinculada, tenha feito adesão ao programa.

O Programa é feito de modo alternado, atendendo em ciclos diferentes as quatro etapas que compõem a educação básica (educação infantil, ensino fundamental – anos iniciais e anos finais) e o ensino médio. Com o PNLD, professores e estudantes de diversas etapas e modalidades de ensino podem ser contemplados.

Quanto à disponibilização e à organização da verba destinada a este Programa, a responsabilidade é do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Os livros e materiais didáticos são previamente selecionados pelo Ministério da Educação, mas é o FNDE que cuida de toda a logística necessária para que cada escola pública, presente no censo do INEP, receba os exemplares para o próximo ano letivo. Importante trazer que há 3 tipos de materiais que são distribuídos através do PNLD: 1. Disciplinares; 2. Interdisciplinares e 3. Projetos Integradores. Os 2 primeiros, são autoexplicáveis, já o 3º, são obras didáticas que possuem projetos pedagógicos, para serem desenvolvidos com os alunos. Além disso, quando falamos de distribuição de material didático para o próximo ano letivo de cada escola, interessante saber que esses livros e materiais são divididos em 2 grupos: os consumíveis e os reutilizáveis. Os consumíveis são os que os alunos utilizam durante todo o ano letivo e são de uso único, não sendo disponibilizado a outro aluno no ano seguinte, diferente dos que são reutilizáveis. Estes, por sua vez, ao término do ano letivo, devem ser recolhidos pela escola e reenviados para o FNDE, para que este cuide da organização dos materiais para o próximo ano.

O PNLD funciona como se fosse um concurso para livros e materiais didáticos. Os autores das obras inscrevem-se, seguindo critérios estabelecidos em edital e esperam a próxima etapa. Essa é composta pela análise e avaliação de especialistas de diferentes áreas do conhecimento. Caso sejam aprovadas, essas obras avaliadas, passam a compor o catálogo do PNLD, o Guia Digital do PNLD, que “orienta o corpo discente e o corpo diretivo da escola na escolha das coleções para aquela etapa de ensino (Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio)”. (BRASIL, [s.d.]

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como as diferentes variantes da Língua Portuguesa são apresentadas para os alunos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, especificamente do 5º ano, por meio do livro didático mais distribuído, conforme dados do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2016 – 2019.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar e refletir sobre Preconceito Linguístico e Livro Didático no âmbito escolar;
- Verificar se há conscientização sobre a existência de tal preconceito no livro didático;
- Analisar sequências didáticas, referentes às variações linguísticas, do livro didático mais adotado para o 5º ano do Ensino Fundamental.

3. JUSTIFICATIVA

Atualmente, na sociedade e, especialmente, dentro do ambiente escolar, como um todo, há ainda a presença de preconceito linguístico por parte de qualquer pessoa que componha essa rede. Alunos, professores, coordenadores, gerentes, empregadores, todos são passíveis de cometer preconceito linguístico ao passo que, na mesma proporção, estão sujeitos a sofrerem por parte de outrem. A linguagem coloquial está presente no cotidiano de todos os falantes e, por se diferenciar do português padrão, é frequentemente discriminada, gerando problemas de interação entre as pessoas, oportunizando uma sala de aula ou conversas que proporcionem a exclusão social.

Em tempos tão difíceis e que a cada novo amanhecer só trazem a certeza da mudança – e até mesmo a incerteza –, combater e/ou conscientizar o educando sobre o preconceito linguístico deve ser um dos valores bem-quisto e estimado pelos professores (preferencialmente os que ensinam a Língua Portuguesa) e pela escola que se propõe a mudar a sociedade e fazer diferença nesta, na formação de cidadãos conscientes e atuantes na construção de uma comunidade diversa.

É na infância que os valores são plantados e cultivados, para que mais a frente floresça e subsidie uma sociedade mais igualitária, justa, honesta e social. De importante relevância se faz, também, o exemplo para a criança, já que seu desenvolvimento acontece simultaneamente entre o que se diz e ação.

A contribuição e relevância para a comunidade, na conscientização da existência de um preconceito específico para a fala de alguém, é mostrar quanto as variantes linguísticas presentes em todo o território brasileiro nos torna únicos e originais e isso não é motivo de diminuir ou fazer alguém melhor.

Essa análise se faz necessária para compreender como o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – Anos Iniciais pode contribuir para uma sociedade mais igualitária e consciente dos usos e da presença de diferentes falares da Língua Portuguesa.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo se dará primordialmente através de pesquisa documental, com leituras de documentos já selecionados e análise do livro didático, aqui considerado um documento datado de nosso tempo. De acordo com Godoy (1995, p. 2), uma pesquisa qualitativa ocupa um lugar de destaque entre as diversas possibilidades de se estudar os fenômenos relacionados aos seres humanos e suas relações interpessoais. Ou seja, essas investigações buscam descrever, compreender, explicar comportamentos relativos à sociedade, seus costumes e ações.

O *corpus* da pesquisa é composto pelo material do 5º ano da coleção Ápis, de Língua Portuguesa, a qual foi a mais distribuída, de acordo com o PNLD 2016 – 2019, como consta nos dados publicados pelo site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

O levantamento de material para leitura tem por objetivo embasar o referencial teórico, visando elucidar conceitos como: preconceito linguístico, sua importância, livro didático, histórico documental sobre os nortes da educação brasileira.

Após a revisão literária, alguns passos foram seguidos:

1. Levantamento das sequências didáticas que aparecem na Coleção Ápis, da Editora Ática;
2. Análise da proposta da Editora para a Coleção Ápis de Língua Portuguesa;
3. Análise dos objetivos e da estrutura desta sequência didática;
4. Exame de como as variantes são apresentadas para os educandos.

De acordo com o cronograma estabelecido no projeto desta pesquisa, a leitura e análise do livro didático escolhido, o de Língua Portuguesa, da coleção Ápis, para o 5º ano do Ensino Fundamental, estavam previstas para acontecer nos meses de Agosto e Setembro de 2021, no entanto, essa atividade foi realizada no início do ano de 2022, mais especificamente no mês de Janeiro.

A revisão da literatura foi uma atividade constante. Foi compreendido que não pôde apenas ocorrer em momentos exatos e sim em todo o desenvolver da pesquisa, por isso, além de tal atividade acontecer nos meses previstos anteriormente, como Setembro, Outubro e Novembro de 2021, também houve a extensão para os meses de Fevereiro a Junho de 2022. De igual modo, compreendeu-se a importância acerca

da organização, análise e compilação dos dados obtidos. Desta maneira, também houve a prorrogação para os meses antes contidos no planejamento. Passou de só acontecer em Setembro e Outubro de 2021 para Abril, Maio e Junho de 2022, levando em conta que esta etapa precisa que a anterior – revisão da literatura – esteja concluída ou bastante adiantada, para total aproveitamento.

Por fim, ainda há algumas etapas a serem contempladas com esta pesquisa, logo, permanece o planejamento inicial para as fases de elaboração da discussão e do documento final para a exposição no Fórum de Iniciação Científica, que constam, respectivamente, para os meses de Abril a Junho e Junho e Julho de 2022.

5. RESULTADOS

5.1. RESENHA

Com autoria de Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin e Vera Lúcia de Carvalho Marchezi, todas licenciadas em Letras, professoras universitárias e de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio, o livro de Língua Portuguesa da coleção Ápis, para o 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais é publicado pela Editora Ática (esta que é uma das líderes no setor de livros escolares no Brasil).

O livro estudado foi a 3ª edição, datada de 2017, que conforme a própria editora traz, está “atualizado de acordo com a BNCC.”, que foi, através da Portaria nº 1.570, de 20 de dezembro de 2017, homologada, como traz o primeiro artigo desta Portaria:

Fica homologado o Parecer CNE/CP n- 15/2017, do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, aprovado na Sessão Pública de 15 de dezembro de 2017, que, junto ao Projeto de Resolução a ele anexo, instituem e orientam a implantação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, explicitando os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, a ser observada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.

As edições mais recentes da coleção Ápis trazem, logo na capa, a informação de que os conteúdos ali abordados estão de acordo com a BNCC, para que escolas, pais, mestres e alunos, saibam que o documento em questão, está conforme o último planejamento federal acerca das bases e o que se espera para a educação brasileira. No entanto, durante sua produção, o documento vigente eram os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) que abordam o estudo da língua de maneira pouco diferente à BNCC. A versão usada, de 2017, embora esteja no meio dessa mudança curricular, foi reformulada para que uma nova versão fosse publicada e pudesse estar de acordo com as novas normas. Com isso, vê-se que as habilidades que se almejam alcançar, em cada atividade, estão de acordo com o documento vigente (no caso, a BNCC).

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é um programa do Governo Federal Brasileiro que tem como objetivo, avaliar e distribuir livros didáticos, pedagógicos e literários, e outros documentos que servem de apoio a

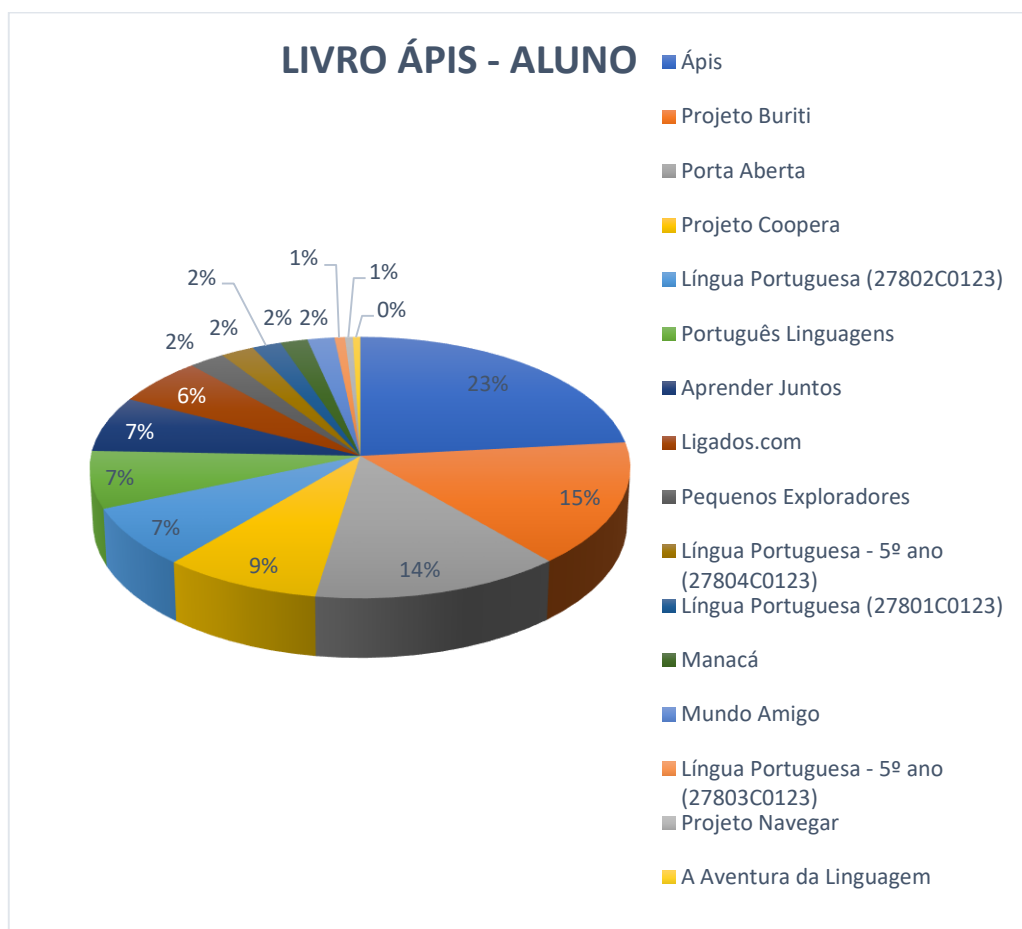
prática educativa, de forma gratuita, às escolas das redes federais, estaduais, municipais e distritais e todas as instituições conveniadas ao Poder Público.

O PNLD que estava em vigor para a versão estudada, era o de 2016 – 2019, então, foi um livro elaborado que teve por base as versões anteriores da BNCC. Considerável destacar que, a escolha desta versão, deu-se, pois, no momento da elaboração deste projeto de pesquisa, o PNLD 2019 – 2023 ainda estava no início e sem dados oficiais consolidados e publicados sobre a distribuição e compra dos materiais. Desta forma, optou-se por usar o anterior, o qual já havia dados oficiais divulgados.

Conforme os dados sobre a distribuição e compra dos livros didáticos, presentes na publicação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), acerca do PNLD 2016, para os anos iniciais do EF, de 14 categorias presentes neste levantamento, a coleção Ápis está no topo de mais distribuídos em 12 delas, aqui, leva-se em conta, todos os componentes curriculares do 1º ao 5º ano, então tem-se: matemática, ciências, geografia, história, letramento e alfabetização linguística, arte e alfabetização matemática.

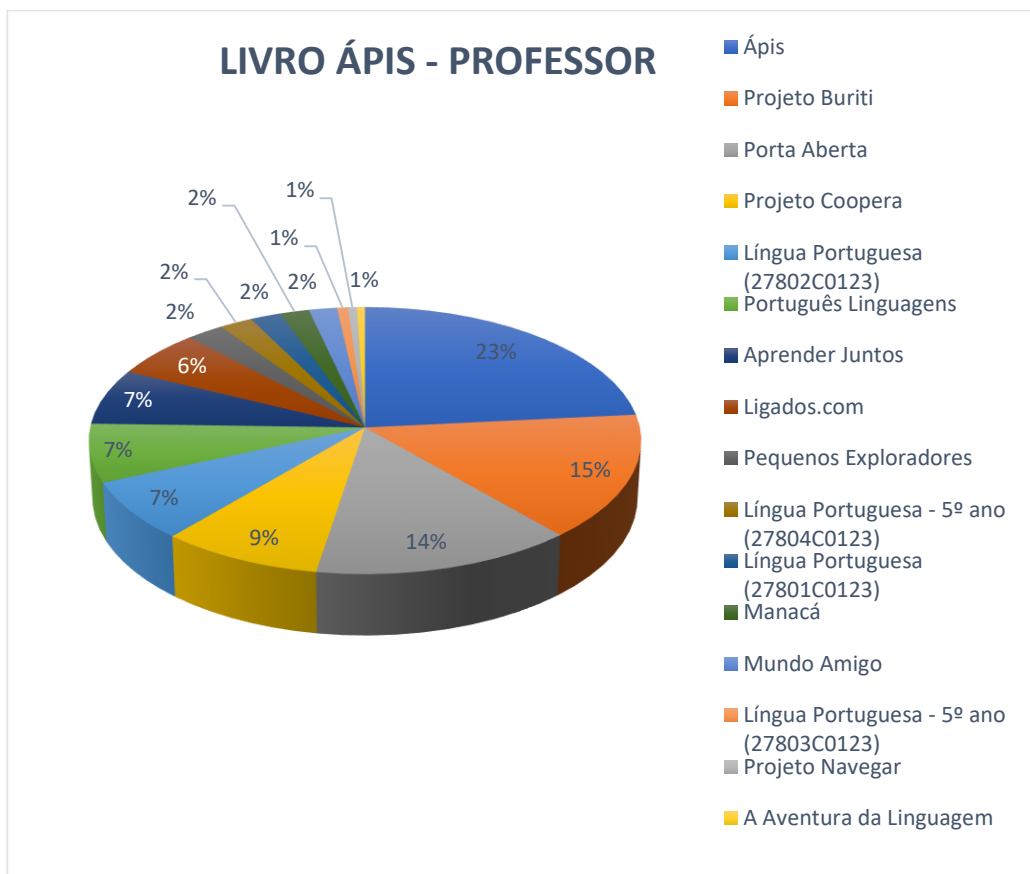
Considerando os livros de Língua Portuguesa, para o 5º ano (16 no total), dois gráficos foram montados com base na tabela, fornecida pelo FNDE. O primeiro mostra a disparidade entre as coleções mais distribuídas, acerca do exemplar do estudante. Já o segundo gráfico, traz essas considerações sobre a edição de professor. Todos para os livros somente do 5º ano.

Gráfico 1 – Relação de livros distribuídos da coleção Ápis de Língua Portuguesa, versão de aluno.



Fonte: Elaborado pela autora, com base no PNLD 2016 – 2019

Gráfico 2 – Relação de livros distribuídos da coleção Ápis de Língua Portuguesa, versão de professor.



Fonte: Elaborado pela autora, com base no PNLD 2016 – 2019

Cada gráfico apresenta a porcentagem de vendas do livro estudado, para alunos e para professores, respectivamente. Correlacionando cada uma dessas informações, é notório que não há diferença significativa entre as informações disponibilizadas, pelo PNLD 2016 – 2019, acerca da quantidade que fora comercializada no período.

Além de distribuído pelo governo federal, o livro pode ser encontrado para compra, em sites pela internet, com o preço variando de acordo com a edição pretendida, seu valor médio é de pouco mais de R\$ 180,00.

A edição traz uma boa estruturação sobre conteúdos programáticos para o ensino da Língua Portuguesa no 5º ano. Dividido em 8 unidades, cada uma conta com a apresentação de um texto introdutório, que explica o gênero que será estudado e, em seguida, um texto do gênero: poema, crônica, texto informativo, artigo de opinião, reportagem, propaganda, conto de adivinhação e texto teatral. Em todo o

livro, há muitas partes que exigem a leitura e atenção dos leitores vez que há muitas atividades de interpretação textual.

Cada unidade apresenta subseções que trabalham a oralidade, a leitura, a produção textual e estudos sobre a língua, que são, justamente, os eixos da BNCC para o ensino da Língua Portuguesa para o EF – Anos Iniciais. Para o estudo da oralidade, são sugeridas atividades como: declamação de poemas, apresentações orais de produção de materiais, debates, entrevistas, rodas de conversas e socialização de ideias; para a leitura, com o subitem “Aí vem...” apresentam-se textos do mesmo gênero estudado na unidade, com o intuito de ampliar o repertório de leitura dos alunos, trazendo também textos não verbais em diferentes formatos. Para a produção de texto, é pedido que cada aluno, sozinho, em duplas ou grupos, produza um texto, de acordo com o gênero que a unidade aborda, ou seja, naquele que trata de poema, aos alunos pede-se que produzam um poema; no de crônica, pede-se uma crônica e assim por todo o livro. Por último, mas não menos importante, cada unidade traz uma pequena parte de estudos sobre a língua, voltando-se a gramática e suas regras. Os temas abordados nesta parte são: sentido real e figurado, pontuação, tonicidade das palavras (oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (suas acentuações), substantivos (artigo, adjetivo e locução adjetiva), concordância nominal, numerais (ordinal, cardinal e romano), adjetivo e locução adjetiva, variações verbais (tempo e pessoa), formações de palavras (primitivas e derivadas), sufixos e prefixos, palavras de ligação, tempos e modos verbais, advérbios e locuções adverbiais, pronomes (pessoal e de tratamento), adjetivos pátrios, o uso da letra M antes de P e B, palavras de ligação, terminação verbal em -am e -ão, -sse e -e-se, palavras com -esa e -eza, -ice ou -isse. A parte que aborda a gramática e suas ramificações é bastante ampla, no entanto, é bem breve, se comparada as demais atividades do livro. Categoricamente, pode-se afirmar que, o foco primário é maior na leitura e interpretação textual, os estudos sobre a língua, acabam sendo um detalhe, um complemento. É possível ver essa inferência também na resenha oficial do livro de Língua Portuguesa da coleção Ápis, disponibilizado pelo PNLD 2016 – 2019:

As propostas de atividades são bastante diversificadas, criativas, até mesmo lúdicas. De modo geral, os objetos de ensino selecionados são pertinentes ao nível de ensino. Entretanto, há pouco investimento no ensino-aprendizagem das convenções da escrita, considerando-se a faixa etária e o grau de escolaridade a que os livros se destinam: o trabalho com

a ortografia e a pontuação é restrito nos volumes da coleção. (BRASÍLIA, 2015, p. 152)

Cada unidade conta, também, com uma autoavaliação. Com um quadro síntese de tudo o que foi visto na unidade, incluindo as atividades orais, de estudo da língua, leitura e produção textual, tudo voltado para o gênero estudado. Aqui, cada estudante, tendo consciência e também uma autocrítica, ponderará se precisa estudar mais acerca do conteúdo abordado ou se avançou. Esta é uma forma diferente de considerar aquilo que fora aprendido. No entanto, por contar unicamente com respostas pessoais, o professor não deve levar somente estas em cunho de avaliação diagnóstica, formativa e/ou somativa para o avançar de conteúdos com a classe.

O livro procura apresentar situações que proporcionem a interdisciplinaridade e isso é visto em algumas unidades quando traz conteúdos matemáticos, de ciências e geografia. Possivelmente, o intuito é de instigar uma reflexão sobre questões presentes na realidade da sociedade em que o aluno está inserido, contando com a participação social dos estudantes, suas considerações, ideias e intenções.

Contudo, mesmo tendo um aspecto interdisciplinar, o livro não aborda as variações linguísticas com tanto afincamento e pluralidade, como esperado.

A coleção contribui para o trabalho didático com a leitura e para a formação geral de alunos leitores. Os gêneros textuais são situados nas esferas sociais em que circulam e são abordados quanto a sua função, sua linguagem, suas características formais e seu contexto de produção. Diversas estratégias e habilidades são exploradas: a localização de informações, a compreensão global e a produção de inferências; habilidades de lidar com propriedades textuais como a coerência e a coesão; habilidades de reconhecer a função dos recursos linguísticos na construção dos sentidos do texto. No entanto, a diversidade sociocultural e linguística brasileira não está representada na coletânea. (BRASÍLIA, 2015, p. 148)

A habilidade que trabalha as variações linguísticas, e também o preconceito linguístico na BNCC, é a habilidade *EF35LP11*, presente no campo de atuação da Oralidade, no subeixo de Variação Linguística, dos objetos de conhecimento, que traz:

Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2017, p. 113)

Esta habilidade específica do Ensino Fundamental (EF), podendo ser trabalhada no 3º, 4º e 5º ano, aparece somente em duas unidades do livro, as unidades 2 e 6 que trabalham, respectivamente, Crônica e Propaganda. Todavia, após a leitura e análise de todo o livro, percebe-se que a possibilidade de aplicar a habilidade em questão em outras unidade será bastante propícia, como na unidade 7 e 8, que trabalha com Contos de Adivinhação e Texto Teatral, respectivamente.

Por todo o livro didático de Língua Portuguesa da coleção Ápis, para o 5º ano, poucas atividades efetivamente trouxeram como base a habilidade *EF35LP11*, outras, porém, mesmo não estando ancoradas nela, poderiam ser trabalhadas voltadas para se desenvolver uma amplitude de conhecimentos a respeito de variações linguísticas e de certo combate a preconceitos linguísticos.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1. ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Como dito anteriormente, o livro didático escolhido traz 8 unidades, nos quais são abordados um gênero textual em cada uma. Após leitura crítica de todo o livro e as atividades propostas, as mais pertinentes para análise aqui proposta, pois se aproximam do tema do preconceito linguístico. As abordagens foram variadas: como evitar, uma tentativa de conscientizar sobre tal prática, entre outras perspectivas, são as que seguem.

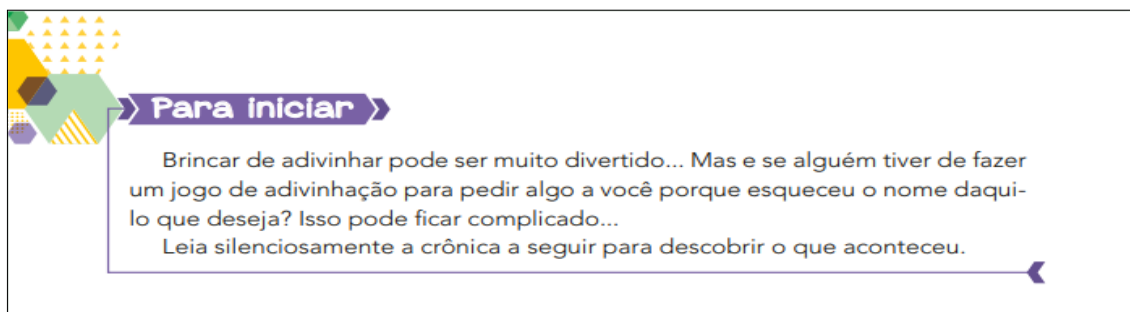
As atividades selecionadas por todo o livro, resumem-se em 13 escolhidas. A análise descritiva destas tem como fio condutor do raciocínio, a habilidade *EF35LP11* da BNCC, que pede e sugere que o aluno ouça gravações, músicas, textos falados com múltiplas variações linguísticas, incitando uma identificação de quais características regionais, rurais e urbanas, presentes na fala, há, nestes sons, estimulando, assim, a ideia de respeito às diversas variedades da língua e suas características de uso, por diferentes pessoas de um mesmo grupo e/ou aqueles pertencentes a outras culturas locais, com a finalidade de rejeitar preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2017, p. 113)

Nisto, a habilidade pontua que de modo a rejeitar preconceitos linguísticos, os alunos devem ser expostos a diversos materiais, em diferentes plataformas e formas, de modo a conhecer, interagir e identificar as muitas maneiras existentes de falar, no Brasil, permitindo, até, ao discente, um enriquecimento linguístico. O foco da habilidade em si é expor o aluno as diversas variações linguísticas, em uma tentativa de lhe proporcionar uma familiarização com aquilo que lhe é, muitas vezes, diferente.

As figuras 1, 2, 3 e 4, são de atividades da Unidade 2, que apresenta o gênero textual: Crônica. A unidade se inicia com a apresentação de um texto do gênero, o qual a nomeia. A crônica é de autoria de Luís Fernando Veríssimo e aborda, coincidentemente, ou não, a comunicação. A crônica é iniciada assim: “É importante saber o nome das coisas. Ou pelo menos, saber comunicar o que você quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um... um... como é mesmo o nome?” (VERISSIMO, 1977, p. 143 apud BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2017, p. 42) e continua contando a história de um comprador que não sabe o nome do que quer, e um vendedor que tenta, a todo custo, entender o que o outro homem está querendo comprar.

Para uma base de raciocínio, observamos se há a possibilidade de o aluno localizar, compreender, interpretar e reter as informações que se espera que ele detenha, após o contato com o texto e as atividades.

Figura 1 - Página 42



Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017


Neste excerto que antecede a crônica, podemos observar que já temos indícios do que há de acontecer no texto que vem logo em seguida. No entanto, mesmo não se tratando de uma atividade propriamente dita, ele instiga o leitor a pensar numa situação de aproximação ao tema, quando sugere que ao esquecer o nome do que está a ser adivinhado na brincadeira, as coisas podem ficar difíceis. Mesmo sendo claro que o objetivo da atividade é cativar o estudante para leitura, é possível promover desdobramentos na proposta inicial que se aproximem da habilidade *EF35LP11*. Pensemos em uma situação hipotética: um estudante descreve uma fruta conhecida por todos. Pode-se ter como resposta da adivinhação uma bergamota, e outro dizer que, na verdade, o que está descrevendo é uma mexerica, e que a resposta anterior é errada. Tendo isso em vista, fica evidente a necessidade de um preparo do professor para intervir e trabalhar a temática da variação linguística, a qual não é o enfoque da proposta didática.

Figura 2 - Página 51



Prática de oralidade

Conversa em jogo

A comunicação no dia a dia

 **EM DUPLA.** Para melhor perceber como acontece o diálogo no dia a dia, vocês vão fazer a gravação de uma conversa entre duas ou mais pessoas.

- Proponham a uma dupla ou a um conjunto de pessoas que conversem sobre um assunto cotidiano: aumento de preço de um produto, fila no banco, falta de emprego, qualidade de algum programa de TV, etc.
- Peçam permissão para gravar. Registrem a conversa com gravador ou celular.
- Ouçam a gravação e observem as marcas que são próprias da fala: hesitações, repetições, omissão de palavras, etc.
- Anotem palavras, expressões e outros elementos observados que estão presentes na fala, mas que não aparecem com frequência na escrita.
- Apresentem para os colegas o resultado do trabalho de vocês e assistam à apresentação deles.

 CRÔNICA 

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Essa proposta de interação entre os alunos vem após uma longa lista de outros exercícios que abordam a interpretação textual da crônica que inicia a unidade e, também, algumas atividades sobre ortografia. Deve-se esclarecer que se comparados a quantidade de exercício de interpretação é muito superior à de ortografia.

Vemos aqui uma atividade que o professor pode usar de modo efetivo a habilidade da BNCC que mencionamos. Ao invés dos alunos serem expostos a gravações, eles irão produzi-las e então ter contato com as variações linguísticas. No caso a variação de destaque são as situacionais, as quais se referem à língua escrita e a oral. Interessante pensar que essa proposta terá como resultado secundário muitas e diversas evidências de tamanha pluralidade presentes no cotidiano das crianças em todo o território brasileiro, ou seja, a variação regional, a qual não é o foco da atividade, mas pode ser abordada e estudada, por meio desta atividade.

Extrapolando a proposta do livro, seria possível que professores de diferentes regiões do Brasil, que utilizem o mesmo material, poderiam sugerir que seus alunos fizessem a gravação e trocassem esse material com outros, por meio de plataformas

gratuitas. Por exemplo, os alunos do professor da região Nordeste, trocar material com os alunos da professora da região Sudeste. Se possível fosse, realizar essa troca de experiências, troca de materiais, cada professor teria em mãos, um maior referencial teórico para trabalhar as variações linguísticas regionais e, também, outros meios para abordar o preconceito linguístico. Esse desdobramento proposto, entre outros que podem acontecer, é um exemplo de como as variações linguísticas podem ser aprofundadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas para que isso ocorra de maneira efetiva, é necessário um domínio teórico do educador sobre a temática e um compromisso de engajamento pela desconstrução do preconceito linguístico.

Figura 3 - Página 52

Agora você

● Você vai fazer a **descrição** de um objeto sem dizer o nome dele. Nessa apresentação, o importante é descrever bem o objeto, para que todos consigam imaginá-lo e adivinhá-lo.

1. Pense em um objeto: Qual é o nome dele? Como é a imagem desse objeto?
2. Anote o nome do objeto e procure no dicionário o verbete correspondente. Copie a definição em uma folha à parte e guarde-a.
3. Como você pode descrever o objeto para que os colegas consigam imaginá-lo?
 - Para selecionar o que descrever, pense nas características do objeto: Do que é feito? Para que serve? Onde é encontrado? É móvel ou fixo? Grande ou pequeno? Liso ou áspero?
 - Anote as palavras e expressões que indiquem com clareza as principais características do objeto: forma, tamanho, cor, material, utilidade, etc.
4. No momento da fala, procure usar tom de voz e ritmo adequados, para que todos ouçam e entendam o que está sendo dito.
5. Depois de os colegas adivinharem o objeto, leia o verbete que você copiou e peça a eles que comparem a definição do dicionário com a sua descrição.

52 UNIDADE 2 »

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Pensamos ser esta uma das propostas mais interessantes e importantes de se abordar a vasta variação linguística regional presente na língua portuguesa falada no Brasil. Além de também proporcionar ao professor uma outra oportunidade de trazer, mais uma vez, à sala de aula, o preconceito linguístico.

De maneira semelhante à reflexão inicial que antecede a crônica, ela propõe um jogo de adivinhação, o qual o aluno deve previamente se preparar para sua exposição por meio de um texto e compará-lo a um verbete.. Nela, uma pessoa, oralmente ou não, descreve algo e outro tenta “descobrir” o que está sendo descrito. Voltando a grande variedade de significantes para cada coisa, a descrição de uma mandioca condiz com a de uma macaxeira; a de pão francês, pode ser a de pão de sal; a de guria é a mesma para menina e a de bolacha, para biscoito.

Esta atividade, mesmo que possa promover um enriquecimento no vocabulário dos alunos, não tem este como objetivo principal. Aqui, o intuito é de desenvolver a habilidade de interação oral em sala de aula, com atitudes de respeito e cooperação. Mais uma vez estamos diante de uma possibilidade de interação com o tema das variações linguísticas que pode escapar aos educadores que possuem pouco conhecimento pelo assunto.

Figura 4 - Página 54

Tecendo saberes

Na crônica "Comunicação", o esquecimento do nome do objeto desejado provocou uma conversa confusa entre o vendedor e o comprador.

A língua portuguesa no Brasil recebeu influência das línguas de vários povos que participaram da formação de nosso povo: indígenas, africanos, italianos, alemães, franceses... Por isso, é muito comum haver variação de nomes de uma região para outra.

Confira alguns exemplos de diferentes nomes para o mesmo objeto.

As imagens não estão representadas em proporção.

```
graph TD; A[Sticks] --> B[bilios em Pernambuco]; A --> C[ramonas em Goiás]; A --> D[grampos em São Paulo];
```

Ou o mesmo nome para coisas diferentes:

```
graph TD; A[cartola] --> B[Chapéu masculino de copa alta.]; A --> C[Sobremesa feita de banana frita em fatias, com queijo assado, açúcar e canela, típica de alguns estados do Nordeste.];
```

EM DUPLA. Conversem com pessoas da sua comunidade que vieram de outras regiões do Brasil e ampliem a lista com um exemplo:

- de nomes diferentes para uma mesma coisa (em diferentes lugares);
- de um mesmo nome dado para coisas diferentes (em diferentes lugares).

54 UNIDADE 2 ▶

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Esta sessão do livro, que de certa forma, encerra a discussão sobre os usos da língua na unidade, antecipando o trabalho com a gramática, propõe uma atividade que pode ser tratada como o resumo de todas as outras que já apresentadas e tiveram a reflexão sobre si feitas. Com um trabalho em dupla, e envolvidos na

comunidade, aos alunos serão proporcionados um enriquecimento do que são as variações linguísticas, dentro de um pequeno território (já que lhes são solicitados a conversa com vizinhos). Fica também, evidente, que o conteúdo deve ser apresentado aos discentes, de forma paulatina, sempre pensando no aumento da complexidade a ele ofertada. Reflexionamos sobre a necessidade e importância de que se o educador não fizer mediações, como possibilidades de abordar variação linguística, as atividades apresentadas são aleatórias na perspectiva do conteúdo que é apresentado.

As próximas três atividades (figuras 5, 6 e 7), são das unidades 3, 4 e 5, que, nessa ordem, abordam os seguintes gêneros literários: Texto Informativo, Artigo de Opinião e Reportagem.

Para a abertura da unidade 3, um texto, diagramado de forma diferente ao convencional, apresenta informações sobre o maior mamífero terrestre, o elefante, e sua relação com um pequeno e importante inseto voador, a abelha. As instruções das autoras, no começo desta unidade, fazem menção de como iniciar a leitura e após um questionamento que, claramente, o leitor encontrará quando iniciar a leitura.

Figura 5 - Página 110

Exposição oral

Preparação para a exposição oral

1. Reúnam os textos produzidos, organizando-os em um painel para que todos os leitores interessados possam informar-se sobre a baleia-azul.
2. Ao organizar o painel, decidam: título, como os textos serão agrupados e o lugar em que será exposto.

Apresentação

Chegou a hora de apresentar oralmente o trabalho da dupla aos demais colegas.

Preparação da apresentação

1. Definam a ordem e separem o material para a apresentação.
2. Escolham quem fará a exposição oral, quem auxiliará na apresentação das imagens e quem ajudará a responder às perguntas.
3. Se houver possibilidade, planejem usar um *software* para as apresentações.
4. Estudem o assunto, usem expressões variadas, falem com ritmo e pausadamente.

Avaliação

Após a apresentação, conversem sobre as seguintes questões:

- As apresentações atenderam à intenção de informar com clareza?
- A linguagem usada estava adequada ao texto?
- Como foram a postura da dupla que expôs o texto e a participação dos ouvintes?

110 UNIDADE 3 ▶

Presente na subseção “Produção de texto”, essa atividade é a finalização, literalmente, da produção, por parte dos alunos, de um texto informativo. Aqui, após expostos a textos informativos sobre a baleia azul e orientações de como pesquisar, produzir e finalizar um texto que abre a unidade, devem se reunir em duplas para que aconteça a apresentação oral do que produziram.

Pensamos que, esta atividade, por trabalhar com atividade oral, deve proporcionar ao educando, o desenvolver da habilidade *EF35LP11*, uma vez que, o modo de falar, de abordar, de pronunciar certas e determinadas palavras, mude, mesmo que vivam no mesmo bairro, permitindo assim, o que é dito na habilidade sobre “ouvir [...] textos falados em diferentes variedades linguísticas [...]” (BRASIL, 2017, p. 113)

A unidade 4 oferece imersão ao gênero textual: Artigo de Opinião. Gênero importante para o desenvolver argumentativo do aluno desde cedo. Não diferente das demais unidades já apresentadas, esta traz um texto que dá nome a unidade, um artigo de opinião. Nele, a autora, Rosely Sayão argumenta sobre pré-adolescentes serem ou não crianças. De modo descontraído e de fácil leitura, ela apresenta a importância sobre ser criança e aproveitar este momento, além de reflexões sobre tal.

Perguntas que guiam a interpretação sobre o texto de Rosely, são o que seguem. De todas as que vem após este primeiro período de interpretação, no subitem “linguagem e construção do texto”, os alunos são levados a mais atividades (rápidas) de interpretação textual e análise de “assunto e partes do artigo de opinião” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2017, p. 124)

Figura 6 - Página 125

3 A autora do artigo escreve como se estivesse conversando com o leitor.

a) Para dar a impressão de uma conversa, como a autora inicia o texto?
A autora inicia o texto com perguntas, usando "você" para se dirigir ao leitor.

b) Copie frases que mostram essa intenção de ser mais informal.
Sugestões: "Quer saber de uma coisa?"; "Mas ela é o quê? Nada?"; "[...] não é verdade?"; "Vou contar uma coisa"; "Não precisa ter essa pressa! Ser criança já dura bem pouco, só 12 anos. Só!"; "Fica um pouco ridículo, não fica?"

c) Para qual leitor a autora escreveu o artigo?
Sugestão: Para crianças que sejam leitoras do suplemento infantil no qual foi publicado.

d) Por que esse tipo de linguagem foi empregado?
Para deixar o artigo mais próximo das crianças, dando a ideia de uma conversa.

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Após apresentação regrada e até simplista sobre as partes que compõem um texto do gênero artigo de opinião, como assinalar o assunto principal, reconhecer as três partes de um artigo (opinião, argumento e conclusão), a atividade em destaque, continua sendo uma que exige a interpretação textual do leitor. Esta não se aproxima em nada do gênero estudado mesmo se tratando dele.

A escolha por analisar este “número 3”, foi mais especificamente por suas alternativas B e D. De modo subentendido, supõe-se que o aluno já saiba a diferença entre linguagem formal e linguagem informal, e como se vê na figura 6, temos quais são as sugestões para a resposta exata do que é uma linguagem informal e qual a intenção de empregar tal “formalidade”.

Ao professor, pensamos ser interessante, certificar-se de que seus alunos tenham conhecimento e saibam diferenciar essas duas formas de apresentação escrita da língua portuguesa, além de sugerir que transcrevam essas frases para a linguagem formal, já que estão no modo informal. Agora, baseado na habilidade EF35LP11, o docente pode trazer à sala de aula, outras plataformas, outras

ferramentas que proporcionem ao discente uma interação com a pluralidade empregada ao gênero textual estudado, em outras regiões do país.

A unidade seguinte apresenta aos alunos o gênero textual: Reportagem. Gênero este presente em vários meios de comunicação e, também, na vida de muitos indivíduos e que compreende informações baseadas em investigação e documentação. O texto de abertura da unidade, é uma produção jornalística, a qual aborda a “vida da aldeia”, publicado na revista Crescer.

Prática de oralidade

Conversa em jogo

Respeito e valorização de diferentes modos de viver

Na reportagem que você leu, a vida na aldeia indígena transcorre em harmonia com o meio ambiente: as casas são feitas com material encontrado na natureza, a convivência com os animais é amigável e não há desperdício de recursos naturais como água e alimentos.

- E você? Como pode contribuir para o cuidado com a comunidade em que vive?
- O que pode ser feito para manter sua escola limpa, cuidada, e para evitar desperdício de água e de energia, por exemplo?
- Como colaborar para que animais e plantas vivam em harmonia com as pessoas?

Entrevista e relato oral

Entrevista, uma forma de pesquisa

Você vai fazer uma entrevista com vizinhos ou parentes mais velhos sobre a história da comunidade da qual você faz parte: a aldeia, o bairro ou a cidade onde vive.

Planejamento

Prepare o roteiro de perguntas. Veja algumas sugestões.

- Como surgiu a comunidade?
- Quem foram os primeiros habitantes?
- Como a comunidade cresceu ou diminuiu?
- Como era a paisagem natural?
- Quais são os acontecimentos importantes para a história do lugar?

Registro

1. Registre a entrevista e os dados coletados com os entrevistados.
2. Reúna todo o material que conseguir com os entrevistados: fotografias antigas, recortes de jornais e revistas, desenhos, mapas e outros.

Relato oral

1. **EM GRUPO.** Conversem e decidam que informações devem constar em um relato oral sobre a história da comunidade. Separem o material que comprove os fatos a serem relatados.

REPORTAGEM 157

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

De todas as atividades presentes, nesta quinta unidade, a única selecionada foi esta, da parte “Práticas de Oralidade”. Após toda a interpretação textual e conceituação do gênero textual reportagem, esta sessão do livro propõe reflexões sobre o conteúdo da reportagem que abre a unidade e arremata a absorção das características de tal texto com uma produção textual. É sugerido que em um primeiro momento, singularmente, cada aluno pesquise em sua comunidade a história do

lugar de onde vem e faça o registro dessas informações. Em um segundo momento, em grupo, terão discussões acerca de quais informações incluirão para a apresentação oral do que fora produzido.

Não trabalhada diretamente, a habilidade *EF35LP11*, que oferece aos alunos metodologias diversas para que tenha conhecimento e acesso a diversos tipos de fala, evitando, assim, o preconceito linguístico, pensamos que há a possibilidade de também ser uma habilidade que seja conveniente trabalhar nesta atividade oral. Cada aluno traz a sua particularidade para a escola, sendo assim, cada um terá um contato diferente do outro com a pessoa que escolher para obter informações sobre a comunidade, tendo, então, contato com diversas formas de se dizer algo, ou seja, uma possibilidade de registro das variantes de sua comunidade.

Também como justificativa da escolha por essa atividade é uma das orientações presentes no início da unidade, por parte das autoras para o professor. Assim dizem, como objetivo da unidade: “[...] Participar de interações em sala de aula com atitudes de cooperação e respeito às falas do outro. [...]” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2017, p. 146 – manual do professor). Se mais bem elaborada, ou pouco mais abrangente que fosse, essa atividade de prática de oralidade, encaixar-se-ia de boa forma na habilidade *EF35LP11*, proporcionando ao aluno, mais contato possível com as diversas formas da língua portuguesa falada, no Brasil.

As próximas 4 figuras (8, 9, 10 e 11) são da unidade 6, que traz Propaganda como gênero textual estudado. As propagandas são textos persuasivos, com o objetivo de influenciar o leitor, convencê-lo a adquirir ou se conscientizar sobre aquilo que está sendo veiculado. Não necessariamente há a presença de palavras, podendo ser uma propaganda verbal ou não verbal. O texto de abertura da unidade, não diferente das demais, é um do mesmo gênero que dá nome à unidade. É uma propaganda de conscientização ao uso inteligente da água, em comemoração ao dia 22 de março, tido mundialmente como dia da água. As figuras 8 e 9 são da mesma atividade.

Prática de oralidade

Conversa em jogo

Um olhar crítico sobre propagandas de produtos



Organizem-se em grupos e, depois, sigam juntos as etapas a seguir.

Pesquisa e análise

1. Tragam para a sala de aula uma propaganda de um produto (roupa, tênis, carro, alimento, aparelho eletrodoméstico, brinquedo, etc.).
2. Localizem ou identifiquem na propaganda trazida: o apelo do texto, a marca, o *slogan* e o público-alvo.
3. Observem a estratégia de convencimento da propaganda, ou seja, o que foi usado para convencer o leitor a desejar e a querer comprar o produto:
 - na imagem (tamanho, cor, tipos de letras, imagem principal, etc.);
 - no texto verbal (ideias criativas, humor, apelo à emoção, etc.).

4. Com todas essas informações localizadas, o grupo deverá conversar sobre a opinião que se formou em relação à propaganda escolhida:

- Essa propaganda é **enganosa** e não pode cumprir o que promete?
- Essa propaganda é **preconceituosa**, tratando de modo injusto pessoas ou grupos sociais?
- Essa propaganda é **danosa**, despertando desejos de ter o produto em pessoas que não podem comprar devido à falta de recursos financeiros?

Roda de propagandas

1. Preparem a exposição da propaganda analisada.
2. Escolham um colega para ser o expositor que falará sobre a opinião do grupo em relação à propaganda.
3. Observem as propagandas dos colegas e prestem atenção na exposição das críticas apresentadas pelos grupos.

Propaganda falada



EM DUPLA. Vocês farão uma propaganda de produto que será apresentada como se estivessem falando no rádio.

- Decidam sobre o produto que vão apresentar (roupa, alimento, brinquedo, etc.) e pensem em como ele é, para que serve, para quem é destinado — criança, jovem, adulto —, o que promete, etc.
- Para se preparar melhor, combinem um dia para ouvir propagandas no rádio, trazidas pela professora, observando como elas são feitas. É importante considerar que elas são dirigidas apenas a ouvintes de rádio, que não estão vendo a imagem do produto.
- Propagandas de rádio costumam ser breves, cerca de 30 segundos; portanto, o texto de vocês também deverá ser breve.
- Usem recursos sonoros na apresentação, como fundo musical, ruídos, etc.
- Usem a linguagem adequada ao público-alvo.
- Os colegas deverão ouvir a propaganda e fazer uma apreciação no final.
- Aguardem a vez de vocês e apresentem a propaganda para os colegas com boa entonação e dicção.

Também incluída na sessão “práticas de oralidade”, desta unidade, essa atividade faz um convite para que, em grupos, os alunos tenham um olhar mais refinado, sobre o gênero textual estudado. Os estudantes escolherão uma propaganda e encontrar nela, as marcas presentes no gênero textual, quais foram as estratégias utilizadas para chegar ao convencimento do leitor e após, ainda em

grupos, refletir sobre a opinião formada acerca do texto escolhido, se foi preconceituosa, enganosa ou danosa. Como fim da atividade, uma “roda de propaganda” foi sugerida, para que assim possam socializar com os demais grupos, as propagandas escolhidas. Na parte que segue, “Propaganda falada”, a atividade é apresentar propagandas como se estivessem no rádio. Após dicas e orientações, uma das pedidas é que se apropriem de linguagem adequada para o público-alvo, além de também terem uma boa entonação e dicção.

Interessante nesta atividade, é o campo não convencional que ela aborda para o trabalhar da propaganda. Vemos o tema mais ligado a reportagens na TV, jornais e revistas. Voltar as atenções a propaganda falada no rádio, pensamos que é um proporcionar de novas experiências de letramento.

Observando a habilidade *EF35LP11* e associando-a a essa última atividade, quando as autoras sugerem essa nova perspectiva de meio de comunicação, fazem consonância com o que a BNCC recomenda: que os alunos tenham contato com diferentes plataformas, para deste modo, conseguirem identificar características da língua falada (principalmente quando esta, é diferente da sua).

Com essa atividade, o professor pode propor mudanças, fixar um tema para cada propaganda, delimitar a idade do público-alvo... Enfim, várias possibilidades. Embora essa atividade não tenha a habilidade estudada como fundamento, de certa forma, oportuniza o ouvir de diferentes falas e o trabalho de identificar características pertinentes da língua falada. Notável planejar, também, uma troca com outros professores, de outras regiões do Brasil.

Figura 10 - Página 203

2 Em algumas regiões do Brasil emprega-se o **tu** no lugar de **você**. Acompanhem a leitura em voz alta do trecho de um poema do gaúcho Mário Quintana, em que ele emprega o pronome **tu** de forma carinhosa. Observem que a palavra **tu** não aparece, mas está representada pelos pronomes **te** e **teus** e pelas formas verbais.

Canção de junto do berço

Não **te** movas, dorme, dorme
O **teu** soninho tranquilo.
Não **te** movas (diz-lhe a Noite)
Que ainda está cantando um grilo...
[...]

Mário Quintana/Agência Francilina

Mário Quintana. **Melhores poemas**. São Paulo: Global, 1998. p. 37.

Em sua região, que pronome é mais empregado: **tu** ou **você**?

Resposta pessoal.

» PROPAGANDA 203

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Num viés específico sobre variações linguísticas, presentes na fala do brasileiro de Norte a Sul, as autoras abordam o uso dos pronomes pessoais, como o tu e o você. Após uma pequena introdução, explicando que há lugares que usam mais um do que o outro, há a apresentação de um poema de Mário Quintana, chamado “Canção de junto no berço”, que exhibe, em versos, flexões e aplicações dos pronomes. Logo em seguida, ao término do poema, a primeira pergunta, embora de resposta pessoal e completamente variável, vem justamente de encontro com as variações linguísticas. Embora o uso de pronomes não seja, efetivamente, a causa para um estudo mais aprofundado sobre a variedade da língua falada, suscita um questionamento e uma oportunidade do educador mostrar que, em outras regiões, a comunidade local, fala de forma diferente.

Essa atividade, mesmo incluída na unidade em que é trabalhado o gênero textual reportagem, não é e não há relações diretas com uma reportagem. No entanto, conhecer e entender o emprego de um pronome pode proporcionar um melhor, se não outro, entendimento de textos e reportagens.


Produção de texto

Propaganda de campanha

Você gosta de empinar pipas? Ou prefere apenas vê-las no céu?

Que nome o brinquedo da ilustração tem na sua região: papagaio, quadrado, capucheta, arraia, pandorga, cafifa, raia, coruja? Converse com os colegas.

Que tal pensar em uma propaganda que inicie uma campanha sobre segurança na brincadeira com pipas?



EM DUPLA. Elaborem uma propaganda para “convencer a garotada” a soltar pipas sem risco de se machucar nem machucar os outros.

Planejamento

Lembrem-se de que em uma propaganda:

- os verbos são empregados no modo imperativo, para orientar ou aconselhar;
- o texto deve ser curto, para que a mensagem seja rapidamente compreendida;
- a parte visual é muito importante, portanto escolham letras grandes e fotografias e desenhos que chamem a atenção para o que é dito;
- a linguagem deve ser simples e direta, adequada ao público-alvo;
- o apelo e o argumento são elementos necessários para convencer os leitores.

Produção

1. Façam um rascunho, planejando o texto e as imagens que vão usar.
2. Lembrem-se de que o público-alvo são os colegas da escola.

Revisão e reescrita

1. Troque o seu rascunho com o do colega: um avalia o trabalho do outro, observando se a propaganda está clara, bem escrita e convincente.
2. Passem a propaganda a limpo em uma cartolina, corrigindo possíveis erros.
3. Exponham os trabalhos na escola, conversem com os colegas de outras turmas e contribuam para diminuir a quantidade de acidentes com pipas!

208 UNIDADE 6 >

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Mais uma atividade de produção de texto presente na unidade 6. Desta vez, é pedido para que os alunos rascunhem e elaborem uma propaganda sobre o soltar consciente de pipas. O único momento em que se “pensa” na abrangência da variante linguística é na introdução da atividade, quando as autoras questionam sobre como é chamado pipa na região em que os alunos moram.

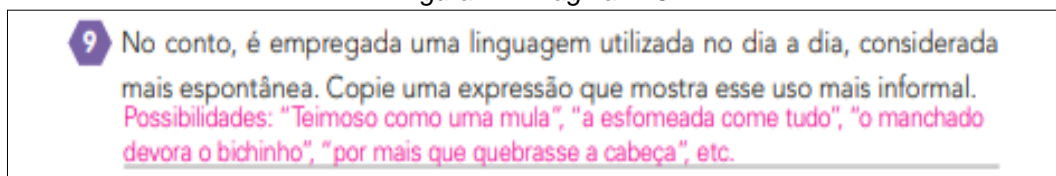
Pensando em uma abrangência e até certo aprofundamento nas questões linguísticas, em outros momentos, o professor pode fixar parâmetros além dos

sugeridos pela atividade, para que outros textos de propaganda sejam criados, como por exemplo: sugerir que seja um anúncio voltado para idosos, ou para os pais e/ou cuidadores de crianças. Enfim, o campo de trabalho é vasto que permite explorar as variantes da língua.

As próximas figuras podem ser encontradas na unidade 7, que trata sobre Contos de Adivinhação. Este gênero textual traz a história da tradição popular e oral, narrando uma situação difícil que aconteceu antes e que suas personagens tiveram que usar do raciocínio e da criatividade para resolver o problema enfrentado. O êxito na conclusão da missão vem da decifração da charada ou enigma.

O texto de abertura, de autoria de Rogério Andrade Barbosa, é um conto africano de adivinhação sobre um camponês que tem um problema sobre transporte de mercadorias estranhas e precisa da melhor maneira possível para solucionar esta equação: como transportar um saco de inhame, uma cabra e um leopardo, sem que o leopardo coma a cabra e a cabra coma os inhames. Antes do término do conto, antes de ser contado o desfecho deste enigma, as autoras questionam o leitor se este é capaz de resolver essa questão e sugerem que, se acaso não conseguir resolver, é só continuar a leitura.

Figura 12 - Página 223



9 No conto, é empregada uma linguagem utilizada no dia a dia, considerada mais espontânea. Copie uma expressão que mostra esse uso mais informal. Possibilidades: "Teimoso como uma mula", "a esfomeada come tudo", "o manchado devora o bichinho", "por mais que quebrasse a cabeça", etc.

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Em seguida ao texto, há questões interpretativas, vindo, também, atividades que inserem o estudante no gênero textual estudado, abordando a estrutura do texto narrativo que leram. A figura 12 é a penúltima atividade nesta subseção e aborda especificamente a linguagem utilizada pelo autor do conto, em seu texto. Esta se assemelha ao exercício interpretativo que tem na figura 6, da unidade que aborda o gênero Artigo de Opinião. Mais uma vez, é esperado que os alunos já tenham conhecimento da diferenciação da linguagem formal para a informal, para que assim possam, com bom efeito, resolver as tarefas propostas.

Pensamos aqui, que pode ser um ponto de reflexão, o qual o professor, além de certificar que seus alunos sabem a diferença entre essa variação situacional da

língua, leva seus discentes a refletir sobre as variedades da fala, considerando também o interlocutor que utiliza palavras mais próximas da norma.

Figura 13 - Página 224

Roda de provérbios

■ No conto, o camponês cita um antigo provérbio: "quem é velho já foi jovem". Provérbios são frases que transmitem valores sobre a vida. São ditados populares usados em diferentes culturas.

Pesquise um provérbio interessante, pensando no significado dele para as pessoas, e anote-o no caderno.

Aguarde sua vez de apresentar o seu provérbio e explicá-lo com suas palavras aos colegas.

224 UNIDADE 7 ▶

Fonte: Ápis – Língua Portuguesa 5º ano, 2017

Por fim, a figura 13 traz uma proposta bastante interessante. Os alunos terão que pesquisar outros provérbios, já que, no conto de adivinhação de introdução da unidade, foi dito um, e trazer para a roda de socialização, ou a roda de provérbios (como é chamada a atividade) o significado e a explicação deste provérbio pesquisado para o restante da turma.

Atividade interessante, pois, permite o aluno imergir em outras culturas, conhecer suas motivações, suas tradições culturais e orais e também aprender, por meio de frases, de certa forma, simples, lições para vida e, também, transmitir esse conhecimento adquirido para os demais da turma. Abrindo campo para que o educador traga outras concepções e vivências sobre outras culturas e línguas faladas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas unidades ficaram de fora das análises, pois em nenhuma de suas atividades sugeriu-se uma reflexão sobre qualquer tipo de variação linguística. Ao mesmo tempo, nem todas as atividades analisadas, tiveram como subsídio o questionamento e estudo sobre variações linguísticas. Salientamos que por todas as 8 unidades apresentadas no livro didático mais comercializado pelo PNLD (2016 – 2019) para o 5º ano do Ensino Fundamental, a habilidade da BNCC, que aborda de modo sucinto o "combater" de preconceitos linguísticos, aparece referenciada somente em duas unidades do livro: crônica e propaganda. As demais unidades aqui abordadas tinham, sim, potencial para se trabalhar a habilidade *EF35LP11*.

Claro que essas abordagens, essas ideias a respeito de cada atividade, é um planejar e ideia nossos, uma vez que o livro, em momento algum, traz essas palavras de modo a proporcionar, ao professor ou ao aluno, um despertar da responsabilidade e importância de se trabalhar esse tema desde muito cedo com as crianças. Há muito a ideia de que o livro e o material didático são um material que engessa o trabalho do professor, no entanto, este pode ser um norteador do trabalho do educador, aliado a BNCC.

Com objetivo de ver como o material, distribuído nacionalmente por um programa sustentado pelo Governo Federal, propaga práticas que instigam ou combatem o preconceito linguístico, foi que este relatório foi pensado e é concluído com a ideia de que, infelizmente, há muito ainda para se trabalhar e mostrar tanto para alunos quanto professores, que embora o campo de estudo seja amplo, é preciso uma atenção especial.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 49ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, junho de 2007.

BAGNO, M. Preconceito Linguístico. **Glossário CEALE**, 2021. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>>. Acesso em: 19 de mar. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. FNDE. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>>. Acesso em 21 ago. 2022

BRASIL. Guia de livros didáticos: PNLD 2016: Alfabetização e Letramento e Língua Portuguesa: ensino fundamental anos iniciais. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015. 272 p.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>>. Acesso em 29 maio 2022

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.570 de 20 de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/PORTARIA1570DE22DEDEZEMBRODE2017.pdf>>. Acesso em: 21 de fev. 2022

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MECSEF, 1998.

BUNZEN, C. Livro didático de Língua Portuguesa. **Glossário CEALE**, 2021. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/livro-didatico-de-lingua-portuguesa>>. Acesso em: 20 de mar. 2021

CASSIANO, C. C. de F. O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007). 2007. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/10614/1/Celia%20Cristina%20de%20Figueiredo%20Cassiano.pdf>> Acesso em 20 jul. 2022

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O Tratamento da Variação Linguística no Livro Didático de Português**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2002/1/2007_PaulaMariaCobucciRCoelho.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 11, n. 1, p. 148- 165, junho de 2009 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X200900010012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 mar. 2021.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. FNDE. Dados estatísticos das coleções mais distribuídas por componente curricular – Ensino Fundamental. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/35-dados-estatisticos?download=9669:pnld-2016-dados-estatisticos-colecoes-mais-distribuidas-por-componente-curricular-ensino-fundamental>>. Acesso em: 09 de mar. 2022

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. adm. empres.**, São Paulo , v. 35, n. 3, p. 20-29, Junho 1995 . Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 30 de mar. 2021

LAPERUTA-MARTINS, M. PRECONCEITO LINGUÍSTICO: Origem na Sociedade; Término na Escola. **Revista Observatório** , v. 3, n. 1, p. 305-326, 30 mar. 2017. Disponível em:
<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2887/9589>>. Acesso em: 28 de mar. 2021

Michaelis On-line. Preconceito. Disponível em:
<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/preconceito/>>. Acesso em: 20 de fev. 2022

Pesquisa Fapesp. Quando se trata de português falado, não existe certo e errado. Youtube, 31 de out. 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=NxQmBBqPrp8>>. Acesso em: 02 de mar. 2022

VIANA, K. B.; MONTEIRO, A. de O.; JUCÁ, S. C. S.; SILVA, S. A. da. As mordanças da gramática normativa: o preconceito linguístico. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 8, n. 11, p. e238111464, 2019. Disponível em:
<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1464>>. Acesso em: 29 mar. 2021

ZACHEU, A. A. P.; CASTRO, L. L. de O. Dos tempos imperiais ao PNLD: a problemática do livro didático no Brasil. **JORNADA DO NÚCLEO DE ENSINO DE MARÍLIA**, v. 14, p. 1-12, 2015. Disponível em:
<<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/dos-tempos-imperiais-ao-pnld--a-problematICA1.pdf>>. Acesso em 19 jul. 2022